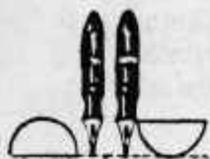


Cuc

As lideranças formais de novo em cena

“Centrão? Que Centrão, que nada. A partir de agora vou



cuidar das minhas funções que são as de líder do PFL. Não quero mais saber dessa história de Centrão. Já me desgastei muito com isso” — (deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara e um dos líderes do Centrão. Na quarta-feira, no cafezinho da Câmara.

“Meu filho, o Centrão acabou. Acabou, está morto e enterado. Eu já me afastei disso há muito tempo” — (deputado Amaral Netto, líder do PDS na Câmara e um dos líderes do Centrão. Na quinta-feira, no restaurante Florentino, filial de Brasília).

“Essa conversa de sair do Centrão não é coisa séria. Sair para onde? Como é que o José Lourenço e o Amaral Netto vão votar o artigo da estabilidade, o artigo sobre empresa nacional? É claro que votarão com o Centrão. Eles não têm saída” — (deputado Ricardo Fiúza, do PFL de Pernambuco, um dos líderes do Centrão. Ontem, de volta ao Recife.)

Enquanto agrupamento amplamente majoritário, capaz de reunir mais de 280 senadores e deputados em um universo de 559 para reformar o regimento interno da Constituinte e apresentar emendas ao projeto de Constituição, o Centrão acabou quando não conseguiu aprovar sozinho sua proposta de preâmbulo para a nova Carta. Acabou enquanto agrupamento capaz, pelo menos, de impedir a aprovação de qualquer artigo da futura Constituição quando a Assembléia, na noite da quarta-feira, votou o texto da Comissão de Sistematização que cria o mandato de segurança coletivo.

— Temos de nos reunir para repensarmos nossa estratégia — reconheceu na última quinta-feira o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), um dos mais ativos organizadores do Centrão. A poucos metros de distância dele, no plenário da Câmara, o deputado Antônio Brito (PMDB-RS) comemorava: “Eu não disse? Eu não disse? Era só começar a votar que o Centrão exibiria sua falta de unidade. Aqui, tudo só

será aprovado através de acordo”. Credite-se ao barulho produzido pelo surgimento do Centrão a consciência de que uma boa Constituição deve resultar de acordos.

O estabelecimento de uma maioria eventual, episódica, poderia servir para inclinar a nova Constituição mais para a esquerda ou mais para a direita — dificilmente serviria para talhar um documento que possa tentar refletir a média do pensamento da sociedade que se expressa através dos seus representantes no parlamento. O dispositivo introduzido pelo Centrão no regimento interno da Constituinte, que obriga a aprovação de qualquer coisa por uma maioria de 280 votos, elegeu a via da negociação política como a única possível para que se faça a futura Constituição.

No caso, louve-se o Centrão. Só que é duvidoso supor que, de posse de 280 votos seguros para aprovar o que bem entenda, o comando do Centrão preferisse trilhar a via da negociação a passar sobre seus adversários como uma motoniveladora. Estigmatizado como uma criação inspirada, dirigida e a serviço da direita, das forças mais reacionárias do país e, de quebra, do sonho do presidente José Sarney de governar cinco anos, o Centrão começou a murchar. Implodiu-o a declaração do deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) de que “é dando que se recebe”.

Com tantos amigos e filiados do naipe de Cardoso Alves, o Centrão dispensava, até, os inimigos. Na última terça-feira, o matemático do grupo, e encarregado de mobilizar senadores e deputados para as votações, o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), admitiu para cinco jornalistas que poderia ser morto se contasse tudo que sabia sobre o que se passa na Constituinte. Insinuou que muitos votam, ali, em troca de dinheiro. Contou que gravou telefonemas comprometedores que pediam isso e aquilo para votar com o Centrão.

— O Daso e o Roberto Cardoso Alves são agentes do Mário Covas infiltrados no Centrão para destruí-lo — brincou o deputado Roberto Brandt (PMDB-MG) na noite da última quarta-feira.

O ato político desastroso de autoria de Coimbra arrematou a semana mais infeliz da vida do Centrão, pontilhada desde a segunda-feira de deserções pela direita (o grupo de deputados evan-

gêlicos) e pelo meio (o grupo de mais de 60 deputados do antigo Centro Democrático do PMDB). Há uma clara tendência na Constituinte de revitalização das lideranças partidárias formais, atropeladas, até aqui, pelo vigor que o Centrão demonstrava. Voltou a brilhar com intensidade a estrela do senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte.

Acosado pelos que, dentro do seu partido, o criticavam por ter-se posto a serviço exclusivo do Centrão, o deputado Amaral Netto está disposto a dedicar-se, integralmente, à liderança do PDS. Fará o mesmo o deputado José Lourenço, do PFL. Da sombra poderá emergir o senador Marco Maciel, presidente do PFL, que na última quarta-feira foi convidado para uma reunião pelo deputado Ulysses Guimarães, e que terá um encontro com o senador Mário Covas logo após o carnaval. O Centrão não desapaecerá — apenas foi reduzido às suas devidas proporções de mais um entre tantos agrupamentos que existem na Constituinte.

Mais à vontade

Está cada vez mais serelepe o deputado Ulysses Guimarães quando aborda, em reuniões fechadas com seus colegas de partido, a definição da Constituinte em torno do mandato do presidente José Sarney. Na última terça-feira, no exercício interino da Presidência da República, Ulysses recebeu para almoçar a deputada Cristina Tavares, que teima em deixar o PMDB. “Como vai a história do mandato?” — indagou Ulysses. Cristina desfiou uma série de nomes de constituintes que trocaram a defesa dos cinco pela dos quatro anos. Ulysses citou outros e concluiu: “É, vai dar quatro”.

Última esperança

“A quem interessa que a Constituinte não ande?” — indaga, irritada, a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ). “A quem interessa que a Constituinte se transforme em um circo?” — provoca, às vésperas de integrar a comissão que investigará o caso da falsificação do voto do deputado José Sarney Filho. “Esse governo que está vive seus últimos dias de Pompeia”, dispara Sandra. “Os áulicos que cercam o presidente da República só enxergam no emperramento do processo constituinte a última esperança de sobrevivência deles e do governo”. Sandra promete mais. Em breve.

Ricardo Noblat